**A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES EM NOTÍCIAS DE PORTAIS *ONLINE*: UMA ANÁLISE DA FORMA DE MANIFESTAÇÃO DOS PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO**

Vanessa Carla Lima Freitas

Estudante do curso de Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas); (UERN); [vanessa\_lima1997@hotmail.com](mailto:vanessa_lima1997@hotmail.com).

José Bernardo Costa Junior

Estudante do curso de Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas); (UERN); [juniorbernardocj@gmail.com](mailto:juniorbernardocj@gmail.com).

Lidiane de Morais Diógenes Bezerra

Professora do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE); (UERN); [lidmoraisb@gmail.com](mailto:lidmoraisb@gmail.com).

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo identificar, na construção de referentes em notícias de portais *online*, a forma de manifestação dos processos referenciais a partir do processo de recategorização. Nesta perspectiva, coletamos notícias em portais *online* – Yahoo, G1 e Estadão. Tomamos como embasamento teórico as contribuições de Antunes (2010), Bentes (2001), Cavalcante (2011; 2011; 2012), Fávero (2012), Koch e Elias (2016) e Mondada e Dubois (2003), para tratarmos dos conceitos da Linguística Textual e do processo de referenciação. No que concerne ao tratamento dos dados, seguimos a abordagem qualitativa, a fim de identificar, descrever e interpretar a forma de manifestação dos processos referenciais presentes nos textos. Assim sendo, constatamos que os referentes recategorizados podem ser construídos por sintagmas nominais e que as introduções dos referentes são, quase sempre, representadas por esses sintagmas. Além disso, verificamos que também é comum o emprego de sinonímia e, sobretudo, de pronomes para retomar esses referentes. Logo, sabendo que os sujeitos não se comunicam por frases, mas por textos, asseguramos a demasiada significância dos estudos da Linguística Textual para o melhor entendimento sobre a construção de sentido nos textos.

**Palavras-chave:** Referenciação. Recategorização. Anáfora direta. Notícias.

**Introdução**

As formas de uso da linguagem são variadas e, nessa variedade, está a referenciação, como um processo de interação que exige, antes de tudo, a observação dos fenômenos. Nesse sentido, Cavalcante (2012, p. 103) afirma que “Falar em uso, na referenciação, significa analisar textos”. Claramente, podemos identificar, em nosso cotidiano, situações em que a comunicação entre os interlocutores torna-se prejudicada, em virtude da má interpretação por parte de alguns dos sujeitos envolvidos na conversação. Desse modo, o processo de referenciação é “uma negociação entre os interlocutores” (CAVALCANTE, 2012, p. 108), isso significa que todos os indivíduos devem colaborar para a constituição desse processo.

Além disso, caracterizado como um fenômeno que não é subjetivo, para a referenciação e qualquer outra manifestação coletiva da linguagem ser bem elaborada e compreendida, todos os membros precisam estar inseridos em um mesmo contexto, falar sobre um mesmo assunto e negociar durante a interação, para que um possa auxiliar o outro no entendimento.

A partir dessa constatação, é veementemente importante para nós, ao vermos os discursos a serem analisados, identificar a forma de manifestação dos processos de recategorização. No entanto, analisar as formas lexicais que recategorizam os objetos do discurso pode evidenciar além de uma simples escolha.

Dessa forma, é válido ressaltar, ainda, que a recategorização dos referentes é muito presente nos discursos, nas mudanças que os referentes sofrem ao longo do texto, que se relacionam com as intenções do produtor ao optar por usar uma palavra para recategorizar o referente em vez de outra, podendo causar sentidos diferentes para o seu interlocutor, isso dependendo também de sua direção argumentativa, seja para convencer o leitor de algo ou simplesmente demonstrar seu ponto de vista.

Para a construção deste trabalho, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo principal de interpretar os significados nos processos referenciais, além de descrever e analisar sua forma de manifestação no processo de recategorização, a partir do embasamento teórico em autores como Cavalcante (2011; 2012), Mondada e Dubois (2003).

Assim, a partir da discussão teórica, em que tomamos conhecimento da referenciação, como um mecanismo muito importante para a construção de sentido dos textos, iniciamos nossa busca em portais *online* para a coleta de notícias que viriam a compor o *corpus* da pesquisa.

Nessa busca,vimos observamos algumas formas de recategorização dos referentes. Todavia, em meio a muitas opções, elegemos como critérios de seleção as notícias que apresentavam um texto padrão com extensão de uma a duas laudas e aquelas que tinham maior representatividade dos processos referenciais, destinando a análise de notícias dos portais *online* Yahoo, G1 e Estadão.

Após essa breve introdução, discorreremos nas seções seguintes sobre a *Fundamentação teórica*, na qual apresentamos os pressupostos teóricos para a sustentação do presente artigo; *Discussão dos resultados*, com a análise das ocorrências dos processos referenciais nas notícias de portais *online*; a *Conclusão*, na qual expomos as constatações e os resultados obtidos; e as *Referências*, com a listagem das obras utilizadas para a elaboração do trabalho.

**Fundamentação teórica**

É sabido que as mensagens originadas nos atos de comunicação são geradas, sempre, por meio de expressões gestuais ou textuais, sendo estes mais frequentes do que aqueles. Nessa perspectiva, Antunes (2010, p. 30) afirma que o texto não é “um conjunto aleatório de palavras ou frases”, mas tudo aquilo que “falamos e escrevemos, em situações de comunicação”, ou seja, se trata de tudo aquilo que externalizamos (por meio do código escrito ou falado), em qualquer contexto que envolva os elementos da comunicação (emissor, receptor, código, etc.), e envolva, além do conhecimento de língua, conhecimento de texto, interação e mundo, assim, sendo concebido como uma “*entidade multifacetada*, cuja construção “[...] subjaz uma concepção de contexto que põe em saliência o que os sujeitos possuem como modelos mentais ativados na interação [...]” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 38, grifo dos autores).

Partindo dessa premissa, buscamos aqui discorrer sobre o processo da referenciação e sua influência na construção de sentido dos textos, uma vez que os fenômenos referenciais se realizam em textos, o que torna a referenciação um fenômeno atinente à Linguística Textual (LT).

De acordo com Fávero (2012, p. 226), “a Linguística Textual se desenvolveu especialmente na Alemanha”, no entanto, “inicia-se, no Brasil, na década de 80 do século passado” (FÁVERO, 2012, p. 227), e se constitui como uma disciplina que tem como objeto de estudo o texto (por isso, denominada também, por Linguística do Texto), o qual foi concebido de variadas maneiras na medida em que se ampliavam as perspectivas de estudo, como afirmam Koch e Elias (2016).

A respeito dessa ciência, Bentes (2001) também enfatiza que é possível registrar e/ou distinguir três fases. A primeira referia-se à *análise transfrástica*, isto é, seu interesse de estudo ultrapassava os limites da frase. Por estar localizada na década de 70 – gerativista – o foco voltava-se “para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase” (BENTES, 2001, p. 247).

A fase seguinte diz respeito à *construção de gramáticas textuais*, em que se descreveu a competência textual do falante, como aquele que tem a capacidade de produzir, compreender, reformular, parafrasear, resumir, narrar, descrever ou argumentar. De acordo com Bentes (2001, p. 249, grifos da autora), “Neste período, postulava-se o *texto* como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao *discurso*, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída”. Ambos deveriam ser estudados separadamente, uma vez que possuíam muitas diferenças.

Por último, a terceira fase, a qual corresponde à etapa que compreende o texto como um processo e não um produto pronto e acabado, quando

os estudiosos começaram a elaborar uma *teoria do texto*, que, ao contrário das gramáticas textuais, preocupadas em descrever a competência textual de falantes/ouvintes idealizados, propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso. (BENTES, 2001, p. 251, grifo da autora).

Nessa parte da LT, ganha destaque o contexto pragmático, no qual se tem o texto em uso efetivo. Do mesmo modo, é pertinente frisar que, durante o percurso dessa fase, conforme afirma Bentes (2001), os estudos do texto passaram por duas viradas: a virada pragmática, na qual o campo da investigação se expandia do texto para o contexto; e, a virada cognitivista, em que o foco passava da gramática para a noção de textualidade.

Dessa forma, embora não tenhamos uma única definição para o conceito do que é texto, como visto anteriormente, mas sim, diversas interpretações, de acordo com a perspectiva de estudo, hoje, o texto funciona como base para o desenvolvimento de muitos estudos diferentes, como o estudo da referenciação.

Para Cavalcante (2012, p. 98) “o processo da referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) depreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais”. Assim, diz respeito à forma pela qual introduzimos novos elementos, fazemos menção ou os retomamos ao longo do texto, promovendo por meio dessa conjuntura social (práticas comunicativas e participantes) uma melhor coerência e compreensão do texto.

No que tange à conceituação de referente, como um elemento extralinguístico, isto é, que não faz parte do sistema da língua, mas se relaciona à aplicação deste na produção e compreensão dos enunciados, não se trata de:

significados, embora não seja possível falar de referência sem recorrer aos traços de significação, que nos informam do que estamos tratando, para que serve, quando empregamos etc. [...} também não são formas, embora, em geral, realizem-se por expressões referenciais. [...] **São entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidade abstratas, portanto, imateriais.** (CAVALCANTE, 2011, p. 15, grifo nosso).

Em suma, consiste em ser aquilo que faz referência a alguma coisa ou a alguém – seja pessoas, animais sentimentos ou emoções, ou os objetos vistos como as coisas do mundo. Esse entendimento parte dos pressupostos de Mondada e Dubois (2003) ao ressaltarem que os sentidos concedidos aos nomes eram dados a partir de elementos anteriores, sendo tais nomes denominados como objetos do mundo. No entanto, ao longo dos estudos, observou-se que os sentidos não antecediam às “ditas coisas” e que elas adquiriam significados nos textos, sendo essas nomeações classificadas como objetos do discurso.

É valido salientar que esses estudos referenciais buscam estudar também o modo como categorizamos, isto é, a forma como nomeamos as “coisas” que circulam em nossa volta. E, como afirma Cavalcante (2012, p. 105), como principal pressuposto da referenciação “os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, não são estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido.” Outrossim, essas categorizações não são definitivas, mas sim variáveis, pois um mesmo objeto pode assumir várias nomeações para designar a mesma coisa, a depender do contexto em que o nome for empregado e do sentido que o autor quiser atribuir a ele.

Além disso, quando estamos nos comunicando, a todo momento, elaboramos nossos discursos para melhor atender às necessidade do processo de interação. Essa forma de transformação que fazemos nos enunciados e/ou referentes se chama de recategorização. Referente a isso, Cavalcante (2012, p. 106) assegura que:

a recategorização referencial [...] diz respeito à possibilidade de um referente passar por mudanças ao longo de um texto. Essas mudanças estão relacionadas ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto, mas também a outras intenções expressivas, emotivas, poéticas etc. [...]

Ou seja, uma certa realidade é assujeitada a reelaborações por parte dos sujeitos envolvidos na interação, sendo que uma mesma realidade pode se originar em referentes diversos, os quais sofrem ressignificações e adotam novos nomes no decorrer do texto.

Dado o exposto, percebe-se a grande relevância dos estudos sobre os processos referenciais, bem como seu papel na construção das produções textuais. Além de contribuir para a organização das informações, esses mecanismos funcionam como agentes que atuam na continuidade e progressão dos tópicos discursivos, aspectos proeminentes para a formação da coerência e sentido no texto.

**Discussão dos resultados**

Como se sabe, no âmbito da LT, a referência é feita ao se substantivar qualquer coisa, quer seja dita ou escrita. Nas relações socioculturais, não é diferente, pois, igualmente, erguemos representações para os referentes. Os referentes são, geralmente, nomeados por sintagmas nominais, que consistem nas expressões referenciais, e podem vir a ser, também, sintagmas adverbiais.

Tomando por base esses conceitos acerca do fenômeno da referenciação, analisamos seis notícias, sendo duas notícias por portal. Como forma de ilustração, iremos expor aqui a análise de seis ocorrências. Para a interpretação dos processos referenciais, criamos marcações para proporcionar ao leitor uma melhor compreensão: demarcamos a introdução referencial em negrito e sublinhado, e as retomadas do referente apenas sublinhadas. Vejamos a primeira ocorrência extraída da **Notícia 1** “Sobe para quatro o número de mortes provocadas pelo temporal no Rio”:

**Uma criança** morreu hoje (15) devido ao desabamento em uma casa em Cascadura [...]. O menino, cuja idade não foi informada pelo Corpo de Bombeiros, foi levado para o Hospital Estadual Carlos Chagas [...]. Ele foi a quarta pessoa a vida com as chuvas desta madrugada na cidade do Rio. Além dele, um homem de 54 anos e uma mulher de 62 anos também morreram [...] (YAHOO, 2018).

Na primeira ocorrência, o referente “Uma criança” é recategorizado inicialmente por sinonímia a partir do artigo definido (o) mais um substantivo masculino (menino). Logo em seguida, é retomado por um pronome pessoal no singular do gênero masculino (ele), seguido de outra retomada por expressão definida a partir do uso de um artigo definido (a) e determinante com numeral ordinal flexionado em gênero feminino, acompanhado de um substantivo (quarta pessoa). Por fim, mais uma retomada por contração/junção da preposição ‘de’ mais pronome ‘ele’ (dele).

Como é mostrado por Cavalcante (2011), diz-se sobre introdução referencial a entidade que é colocada pela primeira vez no discurso/texto, sendo que nada tenha remetido a esse referente antes. Nas anáforas,os referentes introduzidos passam a ser recapitulados durante o texto, sobre isso, Cavalcante (2011) afirma que, “para haver anáforas, é necessário que as expressões referenciais anafóricas ancorem em pistas do cotexto [...]” (CAVALCANTE, 2011, p. 55), ou seja, a materialidade do texto é indispensável para a construção e o progresso das anáforas.

Nas retomadas do referente, convém destacar o fenômeno da recategorização, que é manifestado pelas anáforas diretas, quando o referente explicitado no cotexto é retomado. Sendo recategorizado ao longo do texto por novas expressões, o referente, além de passar a adquirir novos sentidos, expressa algum ponto de vista do enunciador, no intuito de influenciar e/ou convencer seu interlocutor de algo.

Como vimos na primeira ocorrência, a introdução referencial “Uma criança” é recategorizada com “O menino”, inscrevendo um novo sentido para o leitor, pois em “Uma criança”, não saberíamos se seria do sexo masculino ou feminino. A primeira anáfora correferencial, “O menino”, vem trazer uma informação a mais, essencial para a progressão do texto. Ao fazer a leitura da ocorrência da Notícia 1, a ligação entre a introdução referencial “Uma criança” e a anáfora direta representada por sinonímia “O menino” é transmitida. Vimos, ainda, que o referente foi recategorizado por um sintagma nominal: O menino.

Na sequência da análise das formas de manifestação dos processos de recategorização, apresentamos a análise de uma segunda ocorrência, extraída de uma notícia do portal G1 – **Notícia 3** “39% das escolas de ensino fundamental têm bibliotecas; nas particulares, índice é de 82%, diz Censo”:

Recursos tecnológicos, como laboratórios de informática e acesso à internet, estão disponíveis em menos da metade das **escolas de ensino fundamental do Brasil**: em 46,8% delas. Assim como na educação infantil, essa etapa de ensino evidencia uma diferença grande de estrutura entre escolas públicas e privadas (G1, 2018).

O referente “escolas de ensino fundamental do Brasil” é retomado no texto por uma contração/junção da preposição ‘de’ mais o pronome ‘ela’, flexionado no plural (delas), e repetição parcial do referente por encapsulamento anafórico, com determinante e substantivos (essa etapa de ensino). Nessa ocorrência, cabe um olhar especial para o fenômeno da anáfora encapsuladora como “processo referencial que, dentro da perspectiva que dá primazia a menções no cotexto, tem sido tratada como um tipo peculiar de anáfora indireta, porque não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo contexto” (CAVALCANTE, 2011, p. 71). A capacidade das anáforas encapsuladoras de “ser não correferencial e ter um poder de resumir informações contextuais e contextuais” (CAVALCANTE, 2011, p. 73), é o que também as mantém no caráter de anáfora indireta.

Assim, vemos que as anáforas encapsuladoras são classificadas como não correferenciais, inseridas no campo das anáforas indiretas, que remetem a informações dispersas no cotexto, e não remetem a âncoras pontuais na materialidade do texto, sendo que, muitas vezes, são localizadas por inferência. Mas ao lermos o texto da “Notícia 3”, conseguimos encontrar nessa ocorrência uma ligação direta entre a introdução referencial “escolas de ensino fundamental do Brasil” e a retomada “essa etapa de ensino”, formada pelo pronome demonstrativo “essa” juntamente com o substantivo feminino “etapa” e o substantivo masculino “ensino”, ligados pela preposição “de”, formando um sintagma nominal com complemento nominal, e retomando, mesmo que parcialmente, o referente explicitado no cotexto.

Neste momento, destacamos outra notícia do portal *online* G1, **Notícia 4** “‘Inacreditável’, diz professor escolhido entre os 10 melhores educadores do mundo”:

Um professor de São José do Rio Preto (SP) mudou a rotina em **uma escola municipal**, que enfrentava a indisciplina na sala de aula e o tráfico de drogas, e agora está entre [os dez melhores educadores do mundo](https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasileiro-diretor-de-escola-em-rio-preto-sp-esta-entre-10-finalistas-do-global-teacher-prize.ghtml). [...] Diego foi indicado ao prêmio por causa do trabalho que ele desenvolveu como diretor da escola Darcy Ribeiro na região mais pobre de Rio Preto, interior de São Paulo. Antes de o professor chegar à escola, o local era tomado por sujeira, depredação, e até salas incendiadas. [...] A escola virou referência no bairro (G1, 2018).

Nessa notícia, vemos que o referente “uma escola municipal” é retomado, ao longo do texto, pelo uso de determinantes no início das retomadas indicando gênero e número (o/ a/), e também por uma relação de sinonímia (escola/ local) e repetição parcial do referente, respectivamente. Na primeira forma que o referente é retomado, podemos ver uma nova informação sendo passada, do referente “uma escola municipal” chegamos à delimitação de “escola Darcy Ribeiro”, não era qualquer escola municipal, mas uma escola específica. Ao longo do texto, essa informação é trazida aderindo mais informatividade ao texto.

Em uma outra ocorrência, podemos perceber a anáfora correferencial por repetição parcial do referente em uma relação de natureza adjetiva e pronominal:

Em 2014, o índice de evasão era alto e pelo menos 200 **alunos** não iam às aulas. Atualmente, o número chegou a zero. “É muito gratificante você observar que quando você torna os alunos protagonistas do processo, passa a ouvi-los, passa a ser possível a mudança, eles levam para a vida inteira”, diz o professor (G1, 2018).

O referente “alunos” é retomado no texto por repetição parcial do referente, com termos que qualificam o referente como “protagonistas do processo”, e pelo uso do pronome oblíquo e pessoal do caso reto (los/ eles). Nesse processo de referenciação, podemos observar que, no primeiro período do parágrafo, o referente é introduzido, logo em seguida, no segundo período do mesmo parágrafo, o referente é retomado totalmente (alunos), mas com acréscimo de determinantes no início da retomada indicando gênero e número, preposição, e um adjetivo de dois gêneros acompanhado de um substantivo masculino, que recategoriza o referente numa relação de natureza adjetiva, considerando “os alunos protagonistas do processo”.

Conforme Cavalcante (2012), as características básicas da referenciação nos estudos da Linguística Textual surgem a partir do entendimento de que “o processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) [...]” (CAVALCANTE, 2012, p. 98), e o referente, por sua vez, é “um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2012, p. 98). Como podemos ver, os referentes são percebidos a partir da relação com as expressões que o retomam, formando as expressões referenciais, que dão continuidade ao texto.

Abordando agora outro portal *online,* vamos expor o recorte de uma ocorrência, com as retomadas mais recorrentes do referente. Para evitar muitas repetições, citamos os que melhor representam a formação dos referentes, como podemos observar nesse trecho da **Notícia 5** “PT ameaça registrar Lula mesmo preso”:

O PT decidiu registrar a candidatura do **ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva** ao Palácio do Planalto em 15 de agosto, último dia estabelecido pela Lei Eleitoral, mesmo se ele estiver preso nesta data. O cronograma do partido prevê a retomada das caravanas de Lula pelo País porque, se ele for impedido de disputar a eleição, seu nome somente será trocado na última hora. [...] Integrantes do TSE disseram ao Estado que a insistência do PT em registrar a candidatura de Lula pode causar constrangimentos e dificultar a formação de alianças. Um deles chegou a afirmar que uma eventual prisão do ex-presidente compromete a articulação política em torno de um “candidato morto vivo” (ESTADÃO, 2018).

O referente “ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva” é retomado, ao longo do texto, por repetições parciais do referente, pelo uso de pronomes (ele), e recategorizado numa relação adjetiva (“candidato morto vivo”), também por expressão definida. Nessa ocorrência de tema político, observamos que, nas retomadas do referente, no caso, “ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva”, é muito comum o uso dos pronomes pessoais, como podemos ver até aqui, é a forma predominante na retomada dos referentes.

Na recategorização do referente em “‘candidato vivo morto’”, por mais que vejamos na marcação com as aspas que se trata de um discurso de um outro indivíduo, o produtor dessa notícia, tendo ou não intenção, ao escolher colocar no texto noticiado essa visão sobre o ex-presidente Lula, causa muitas interpretações que podem agradar ou não quem vai ler. A forma de referenciar não é livre da intenção de quem produz o texto, notamos, sobretudo em textos políticos aqui analisados, uma intenção a mais por parte de quem o produz, seja para tentar influenciar o leitor ou apenas revelar uma opinião.

No que se refere à última ocorrência, inicialmente, vamos apresentar duas concepções de como a língua se refere ao mundo e ao discurso: uma “ideia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17), que se opõe à “concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Dessas concepções, a que mais se aproxima do que estudamos aqui é a segunda, pois, como já abstraímos das leituras teóricas, o discurso é construído coletivamente e é passível de mudanças, o sentido é abstraído a partir de cada contexto de uso, o que pode provocar uma instabilidade.

No texto de Mondada & Dubois (2003), vimos uma discussão acerca da noção de referência e dos processos de referenciação – os objetos de mundo e objetos de discurso. A referenciação é tida como “uma relação entre o texto e a parte não-linguística” (RASTIER, 1994, apud MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20), que questiona a estabilização da categorias. Observamos, ainda, a categorização e os objetos de discurso como pertencentes às práticas e ao discurso, levando em conta a importância da intersubjetividade dos processos linguísticos e cognitivos. Com isso, observemos esses recortes da **Notícia 6** “Petista não terá privilégio em cela, determina Moro”:

**O** **Estado** apurou que a Lula foi dado o direito de receber visitas de advogados a qualquer dia – menos sábados, domingos e feriados – e de familiares, uma vez por semana, como ocorre com os demais encarcerados da PF. [...] A subchefia de Administração da Presidência informou ao Estado que “enviou consulta, em caráter de urgência, sobre os direitos do ex-presidente Lula, agora que ele está preso, à Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República” (ESTADÃO, 2018).

O referente“O Estado”, que tem relação semântica nesse discurso jornalístico com o nome dado ao portal *online* “Estadão”, é retomado por repetição total. Constatamos a instabilidade de categorias nesse processo, pois o substantivo “Estado” é tido desde a introdução referencial e recategorizado num sentido diferente do que é empregado socialmente, mas não podemos ver essa instabilidade como uma falha na língua, e sim como um fenômeno pertencente ao discurso e à cognição, deve-se ver a instabilidade não apenas como uma variação ou mudança, mas abordar essa instabilidade como mais um “recurso linguístico, discursivo e cognitivo necessário para tratar eficazmente da referenciação” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22), sendo que as categorias já possuem um caráter mais instável e flexível, deve-se ver a instabilidade como intrínseca a essas categorias.

Assim, vemos na referenciação uma importância que vai além do âmbito acadêmico, pois é de uso social dos sujeitos como um todo, não somente dos estudantes universitários.

**Conclusão**

Constatamos que os referentes recategorizados podem ser construídos por sintagmas nominais, assim como as introduções dos referentes são, quase sempre, representadas por esses sintagmas, e que é muito comum o uso de sinonímia e, sobretudo, de pronomes para retomar os referentes.

Nossos resultados vão de encontro ao que é posto sobre o fenômeno da referenciação, como um artifício coesivo na produção de textos, especificamente, nas notícias de portais *online*. Por meio da recategorização, constatamos o acréscimo de informações dadas ao longo do texto, como dados que especificam algo a respeito dos seres (referentes) dos quais se discorre algo, como gênero e número, e até opiniões sobre determinado assunto noticiado. Também acerca do processo de recategrização, observamos que, em sua maioria, os sintagmas nominais são retomados por pronomes pessoais.

As formas de referenciar estão sempre presentes, seja no texto escrito ou oral, como algo intrínseco ao próprio uso da língua, mas ao cometer falhas durante o processo de referir e recategorizar os objetos do discurso, podemos causar graves prejuízos para o entendimento do texto. Por isso, julgamos essenciais os estudos da Linguística Textual, pautados na investigação dos processos de referenciação, o que proporciona uma melhor compreensão da construção do sentido dos textos.

**Referências**

ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-287.

CAVALCANTE, M. M. O que se dizia sobre a coisa. In: CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobe coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_\_. O que se dizemos hoje sobre o referente. In: CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobe coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_\_. Referenciação e compreensão de textos. In: CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

FÁVERO, L. L. **Linguística Textual:** memória e representação. Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, *Filol. linguíst. port.*, n. 14 (2). São Paulo: 2012, 225-233.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. O texto na linguística textual. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-44.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.